

Huertas, Educación Ambiental y Agroecología: discursos y educabilidades en unidades agroecológicas

Hortas, Educação Ambiental e Agroecologia: discursos e educabilidades em unidades agroecológicas

Gardens, Environmental Education and Agroecology: discourses and educabilities in agroecological units

Paula Senna Ceará¹
Maria Cristina Ferreira dos Santos²

Resumen

Educación Ambiental (EA) y Agroecología pueden contribuir a las acciones pedagógicas en las huertas, cuestionando la exploración del medio ambiente. El objetivo fue identificar elementos hegemónicos y contrahegemónicos en los discursos sobre acciones educativas en huertas agroecológicas en Maricá, Rio de Janeiro, Brasil. La investigación tuvo un carácter cualitativo y se realizaron entrevistas semiestructuradas a dos profesionales que trabajaban en la visitación de huertas agroecológicas y a tres docentes de escuelas municipales de Maricá en el año 2021. Las entrevistas fueron grabadas y tratadas mediante análisis textual discursiva. En discursos sobre las unidades agroecológicas, se identificaron elementos contrahegemónicos, con la perspectiva socioambiental y de la EA crítica y problematización del agronegocio. Se señala la importancia de las acciones desarrolladas en los huertos agroecológicos como espacio educativo. Las unidades agroecológicas tienen potencial para desarrollar EA y Agroecología, pero es necesario ampliar diálogos y acciones que problematicen los procesos hegemónicos de producción de alimentos, con horizontalidad en las relaciones y diálogos de saberes, contribuyendo a la sostenibilidad local y desarrollando nuevas educabilidades.

Palabras clave: huertas agroecológicas, educación escolar, Educación Ambiental Crítica.

Resumo

Educação Ambiental (EA) e Agroecologia podem contribuir com ações pedagógicas em hortas, problematizando a exploração ambiental. O objetivo foi identificar elementos hegemônicos e contra hegemônicos em discursos sobre ações educativas em hortas agroecológicas³ em Maricá, Rio de Janeiro, Brasil. A pesquisa teve natureza qualitativa e foram realizadas entrevistas semiestructuradas com dois profissionais que atuavam na

¹ Mestra pelo Programa de Pós-graduação em Ensino de Ciências, Ambiente e Sociedade (PPGEAS) da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). paulasennafrj@gmail.com

² Professora Associada UERJ. Docente do PPGEAS e do Programa de Pós-graduação de Ensino em Educação Básica (PPGEB) da UERJ. mariacristinauerj@gmail.com

³ Nesse estudo os termos hortas agroecológicas e unidades agroecológicas foram utilizados de forma indistinta, conforme Ceará (2021).



visitação das hortas agroecológicas e três docentes de escolas municipais de Maricá em 2021. As entrevistas foram gravadas e tratadas pela análise textual discursiva. Nos discursos sobre as unidades agroecológicas foram identificados elementos contra hegemônicos, com a perspectiva socioambiental e de EA crítica, e problematização do agronegócio. Aponta-se a importância das ações desenvolvidas nas hortas agroecológicas como espaço educativo. As unidades agroecológicas têm potencialidades para desenvolver a EA e a Agroecologia, porém é preciso ampliar diálogos e ações que problematizem processos hegemônicos de produção alimentar, com horizontalidade nas relações e diálogos de saberes, contribuindo para sustentabilidades locais e desenvolvendo novas educabilidades.

Palavras-chave: hortas agroecológicas, educação escolar, Educação Ambiental Crítica.

Abstract

Environmental Education (EE) and Agroecology can contribute with pedagogical actions in vegetable gardens, questioning the environmental exploration. The objective was to identify hegemonic and counter-hegemonic elements in the speeches about educational activities in agroecological gardens in Maricá, Rio de Janeiro, Brazil. The research had a qualitative nature and semi-structured interviews were carried out with two professionals who worked in the visitation of agroecological gardens and three teachers from the municipal schools of Maricá in 2021. The interviews were recorded and treated by discursive textual analysis. In the discourses on agroecological units, counter-hegemonic elements were identified, such as socioambiental and critical EE perspective, and agribusiness problematization. It is pointed out the importance of the actions developed in agroecological gardens as an educational space. The agroecological units have the potential to develop EE and Agroecology, but it is necessary to expand dialogues and actions that problematize hegemonic processes of food production, with horizontality in relationships and dialogues of knowledges, contributing to local sustainability and developing new educabilities.

Keywords: agroecological gardens, school education, Critical Environmental Education.

Introdução

A Educação Ambiental (EA) e a Agroecologia podem contribuir para ações pedagógicas, ao problematizar a distribuição desigual dos benefícios e agravantes da exploração ambiental (Silva & Machado, 2015). Na EA Crítica há problematização das relações hegemônicas de produção visando à emancipação e transformação (Loureiro & Layrargues, 2013). Os movimentos sociais desempenham importante papel para o desenvolvimento da EA e o estabelecimento da Agroecologia como alternativa na defesa da agricultura ecológica em oposição a práticas agrícolas que consolidam o agronegócio (Altieri, 2012). Na dimensão ética, Leff (2001) destaca a importância da conservação da biodiversidade e das diferentes culturas e etnias da espécie humana.



Caporal e Costabeber (2004) ressaltam que a Agroecologia não é um tipo de agricultura, e sim uma ciência para a construção de práticas agrícolas sustentáveis.

A Agroecologia pode ser compreendida em três dimensões: 1) ecológica e técnico-produtiva – sendo “a ecologia o marco científico de referência que, em diálogo com o conhecimento tradicional campesino e indígena, propõe a redefinição dos fundamentos técnicos da agronomia, da veterinária e das ciências florestais”; 2) socioeconômica - “se caracteriza por um forte conteúdo endógeno, prioritariamente através da análise de das sociedades locais, das estratégias produtivas e dos processos de desenvolvimento rural”; e 3) política - “na construção de alternativas à globalização agroalimentar, mediante o apoio e acompanhamento de ações coletivas, tanto produtivas ou de comercialização como de luta política” (Sevilla citado por Caporal, 2020, p. 12).

De acordo com Cereali e Wiziack (2021, p. 476), para que se desenvolvam ações de EA em hortas “é necessário que os projetos de sua elaboração sejam comunitários e desenvolvidos como ferramentas de compreensão sobre os temas específicos ligados à produção dos vegetais”. Para Cosenza et al. (2021), existem poucos trabalhos relacionando EA às hortas agroecológicas, e estas podem abordar diferentes modos de vida e saberes, questionando relações entre seres humanos e ambiente e discutindo injustiças socioambientais decorrentes do sistema capitalista.

Nas últimas décadas, as escolas têm sido procuradas pelas classes dominantes para divulgar o ideário desenvolvimentista do agronegócio (Lamosa & Loureiro, 2013), que considera inferiores e ultrapassadas as práticas agrícolas camponesas, a serem superadas pelo sistema hegemônico de produção (Lamosa, 2016). A atividade agrícola desenvolvida com estudantes pode ser problematizada com a análise de aspectos do atual modelo hegemônico de produção e comercialização de alimentos, muitas vezes desconsiderados na utilização da horta como estratégia didática (Ribeiro & Cassavan, 2013).

Cosenza et al. (2021) defendem que a agricultura baseada na Agroecologia, ao fazer parte da experiência educativa das escolas, pode desenvolver o conhecimento de modelos alternativos de produção agrícola baseados nos conhecimentos agroecológicos de camponeses em seu relacionamento com a natureza, com “um intercâmbio cultural (e de saberes), que permite a emergência de novas educabilidades que informam a agrobiodiversidade, as memórias, os saberes e as práticas que a constituem” (Cosenza et al., 2021, p. 4).

Esse estudo é parte de dissertação de Mestrado defendida pela primeira autora em 2021 no PPGEAS-UERJ⁴ sobre o Projeto Unidades Agroecológicas, iniciado em 2016 pelo Convênio nº 12/2016 entre Secretaria de Agricultura, Pecuária e Pesca da Prefeitura Municipal de Maricá e a Cooperativa de Trabalho em Assessoria a Empresas Sociais de Assentamentos de Reforma Agrária, no Brasil. A finalidade desse projeto foi a implantação de Unidades de Produção Agroecológica, realização de cursos de formação, intercâmbios e Educação Ambiental para produção de alimentos agroecológicos para a população local.

⁴ Ceará (2021). *Hortas e Educação Ambiental: unidades agroecológicas no município de Maricá, RJ*. (Dissertação, Universidade do Estado do Rio de Janeiro).



O objetivo desse estudo foi identificar elementos hegemônicos e contra hegemônicos em discursos sobre ações educativas em hortas agroecológicas no município de Maricá, Brasil.

Metodologia

A pesquisa teve natureza qualitativa, em que sujeitos relatam suas experiências e interpretações sobre um assunto e a forma como ordenam o espaço social em que vivem. Para Minayo (2011, p. 21), “[...] a pesquisa qualitativa [...] trabalha com o universo dos significados, dos motivos das aspirações, das crenças, dos valores e das atitudes”. A pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa em 2021, com CAAE 50555521.7.0000.5282.

Profissionais que desenvolveram atividades nas hortas foram convidados a realizar entrevista semiestruturada, e aqueles que aceitaram foram solicitados a assinar o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. As entrevistas possibilitam aos participantes a compreensão dos questionamentos e proporcionam ao entrevistador informações para construção dos dados (Marconi & Lakatos, 2003).

Em 2021 foram realizadas entrevistas com dois profissionais envolvidos com o cultivo e visitação das hortas agroecológicas (I1 e I2) e três docentes de escolas municipais de Maricá (D1, D2, D3), que visitaram as unidades agroecológicas com estudantes. No roteiro da entrevista, as perguntas se referiram a: 1) motivos para ações nas hortas agroecológicas; 2) unidades agroecológicas e discursos sobre agronegócio e Agroecologia; 3) visitas às unidades agroecológicas e ações de EA em escolas de Maricá.

As entrevistas foram gravadas, transcritas e depois tratadas segundo a técnica de análise textual discursiva. Essa técnica foi escolhida “com a finalidade de produzir novas compreensões sobre os fenômenos e discursos”, por meio do processo de interpretação auto-organizado dos dados (Moraes & Galiuzzi, 2016, p. 13).

Na análise dos discursos buscou-se identificar, com base nos estudos de Altieri (2012), Caporal (2020), Lamosa (2019), Layrargues (2020), Loureiro e Layrargues (2013), Leff (2001), Nunes et al. (2020) e Silva e Machado (2015): a) elementos hegemônicos: perspectiva de supremacia política, econômica e científica; EA com preceitos conservadores; perspectiva desenvolvimentista e do agronegócio; b) elementos contra hegemônicos: perspectiva socioambiental; EA com preceitos críticos; Agroecologia como ciência para sustentabilidade.

Resultados e Discussão

Os entrevistados eram profissionais formados em Ciências Biológicas (I1 e D1) e Pedagogia (I2, D2 e D3) que participaram de atividades educativas com estudantes de escolas municipais nas hortas agroecológicas, sendo D1, D2 e D3 docentes nas escolas. Sobre os motivos para realizar atividades nas hortas, D1, D2 e D3 relataram que alunos não conheciam hortaliças e compreenderam nas visitas uma possibilidade de relacionar plantio, colheita e alimentação. D1 também apontou a possibilidade de desenvolver



temáticas ambientais: “[...] a Agroecologia é uma prática de Educação Ambiental com uma amplitude imensa, não só a questão da horta em si! É a questão da terra, com alimento saudável, com a saúde, com o respeito à biodiversidade” (D1). O desenvolvimento de hortas em espaços urbanos e periurbanos pode contribuir para o “[...] entendimento crítico sobre o ambiente e sobre as necessidades nutricionais e sociais da comunidade” (Cereali & Wiziack, 2021, p. 473).

Sobre as hortas agroecológicas e as demandas das escolas, I1 e I2 relataram a procura por docentes de escolas públicas e privadas de Maricá, objetivando receber orientações e materiais para desenvolver atividades com hortas nas escolas. No relato de I1 também foi apontada a demanda de escolas para realizar atividades nas unidades agroecológicas, buscando o contato dos estudantes com a natureza. Nunes et al. (2020) consideram que as hortas possibilitam contextualizar processos agroalimentares, divulgando comportamentos de vida sustentáveis.

Sobre a Agroecologia, para D1 era uma prática que representa mudanças de atitudes relacionadas com respeito ao outro, à terra, ao alimento, à saúde, e à biodiversidade. Para I2 “Agroecológico é conseguir converter as práticas que eram puramente exploratórias dos recursos [...] como uma prática de conservação [...] uma produção limpa, livre do uso de insumos químicos”. Para D3 Agroecologia “virou moda”, sendo necessário debater a crise ambiental e desenvolver com estudantes conceitos do cultivo agroecológico; com tal abordagem, a EA já estaria sendo efetuada. A Agroecologia é um movimento sociopolítico que (re)significa o sistema de produção alimentícia e o processo simbólico de identidade alimentar, saber popular, comunidades tradicionais, alimentação saudável, sustentabilidade econômica, social, cultural e ambiental (Altieri, 2012). Layrargues (2020) ressalta que não é suficiente adotar produção e consumo de orgânicos; é preciso lutar pela reforma agrária e combater a liberação descontrolada de agrotóxicos pelo governo.

Sobre as hortas, Agroecologia e agronegócio, nos discursos de D1, D2 e D3 foram identificados elementos hegemônicos, como falta de problematização do agronegócio e de questões socioambientais, enquanto I1 apontou o problema do domínio de sementes pelo agronegócio. D1 relatou abordar questões acerca de agronegócio e Agroecologia com estudantes. D2 e D3 indicaram que os profissionais que realizaram a visitação apresentavam temáticas ambientais aos estudantes, abordando a importância da alimentação saudável de maneira prática (D3). I1 problematizou o agronegócio, que “tem o domínio sobre as sementes e [...] as pessoas às vezes não conseguem uma semente crioula de milho [...]” e apontou que com os cursos realizados nas hortas “elas têm um pouquinho mais dessa percepção, mas a gente tem a discussão, então as pessoas vão desenvolvendo isso”. Esse debate é necessário, pois no Brasil há favorecimento dos interesses de pequena parcela da sociedade que se beneficia da agricultura capitalista do agronegócio, sem prioridade da segurança alimentar e nutricional, Agroecologia e justiça social (Lamosa, 2019). No modelo hegemônico capitalista o ambiente é fonte de recursos a serem explorados, sem preocupação com a biodiversidade e diversidade étnica e cultural (Leff, 2001).



Sobre as ações de Educação Ambiental nas unidades agroecológicas, em alguns discursos foram identificados elementos contra hegemônicos, com a perspectiva socioambiental e de EA crítica, afastando-se do discurso desenvolvimentista e mercadológico de desenvolvimento sustentável. D2 relatou ter vivenciado, a partir da visitação, processo de mudança alimentar e cuidado com as plantas no entorno da escola pelos estudantes. Segundo I2 (2021), as hortas agroecológicas chegam nas residências das pessoas com conceitos aprendidos nas unidades: “[...] onde os saberes técnicos, acadêmicos, científicos e os saberes populares podem estar se entrelaçando, tecendo novos conhecimentos, dando potência a essa prática e permitindo que possamos caminhar em outros rumos, na construção de uma nova sociedade”. Quando implantada na escola, a horta pode contribuir para abordar questões sobre a dominação hegemônica na sociedade, se ligada aos preceitos agroecológicos e de EA crítica, em perspectiva contra hegemônica frente ao agronegócio (Nunes et al.,2020). Uma nova relação cultural entre ser humano e natureza é necessária, para construir uma nova sociedade (Loureiro & Layrargues, 2013).

As unidades agroecológicas têm potencial para desenvolver novas educabilidades, se ampliado o diálogo com preceitos agroecológicos, problematizando processos hegemônicos de produção alimentar. Uma contribuição pedagógica dessas práticas é a horizontalidade nas relações entre participantes, aliando o saber tradicional ao acadêmico para a compreensão dos agroecossistemas e da interdependência entre os sistemas no planeta (Caporal, 2020; Caporal & Costabeber, 2004).



Conclusões

Aponta-se a importância das ações desenvolvidas nas hortas agroecológicas como espaço educativo para a formação e alimentação, valorizando saberes das comunidades, a saúde e o ambiente, e contribuindo para sustentabilidades locais e novas educabilidades. Foram identificados elementos contra hegemônicos nos discursos, como a problematização do agronegócio, a perspectiva socioambiental e de EA crítica.

As unidades agroecológicas podem ser espaços de EA em que estudantes e educadores problematizem relações de poder e injustiça socioambiental, porém é importante que sejam construídos diálogos sobre processos hegemônicos de dominação. Aponta-se a relevância da articulação entre escolas e unidades agroecológicas, ampliando diálogos entre docentes e profissionais das hortas sobre EA crítica e Agroecologia.

Agradecimentos e apoio

As autoras agradecem o apoio financeiro da FAPERJ.

Referências

Altieri, M.A. (2012). *Agroecologia: bases científicas para uma agricultura sustentável*. 3.ed. São Paulo: Expressão Popular.

- Caporal, F.R. (2020). Transição Agroecológica e o papel da Extensão Rural. *Extensão Rural*, 27(3): 7-19.
- Caporal, F.R., & Costabeber, J.A. (2004). *Agroecologia: alguns conceitos e princípios*. Brasília: MDA/SAF/DATER-IICA.
- Ceará, P.S. (2021). *Hortas e Educação Ambiental: unidades agroecológicas no município de Maricá, RJ*. (Dissertação, Universidade do Estado do Rio de Janeiro). Universidade do Estado do Rio de Janeiro. <https://152.92.70.36/nextcloud/index.php/s/8TyDT2XQwZXDCnf>
- Cereali, M., & Wiziack, S. R. C. (2021). Hortas em espaços urbanos como ferramenta de Educação Ambiental, segurança alimentar e qualidade de vida. *Revista Brasileira de Educação Ambiental (RevBEA)*, 16 (3): 473-488.
- Cosenza, A.; Silva, C.N., & Reis, E.T.B. (2021) Dimensões Educativas da Agroecologia Escolar: Potencialidades Através do Encontro Entre Agricultores/as e Professores/as. *Revista Interdisciplinar Sular*:. 30-49.
- Lamosa, R. A. C. (2016) *Educação e Agronegócio: a nova ofensiva do capital nas escolas públicas*. Curitiba: Appris Editora e Livraria Eireli-ME,
- Lamosa, R., & Loureiro, C. F. B. (2014). Agronegócio e educação ambiental: uma análise crítica. *Ensaio: Avaliação e Políticas Públicas em Educação*, 22 (83): 533-554.
- Layrargues, P.P. (2020). Manifesto por uma Educação Ambiental indisciplinada. *Ensino, Saúde e Ambiente*, Número Especial: 44-88.
- Leff, E. (2001). *Saber ambiental: sustentabilidade, racionalidade, complexidade, poder*. Petrópolis: Vozes.
- Loureiro, C. F. B., & Layrargues, P.P. (2013). Ecologia política, justiça e educação ambiental crítica: perspectivas de aliança contra hegemônica. *Trabalho, educação e saúde*, 11: 53-71.
- Marconi, M. A., & Lakatos, E.M. (2003). *Fundamentos da metodologia científica*. 5 ed. São Paulo: Editora Atlas.
- Moraes, R., & Galiuzzi, M.C. (2016). *Análise Textual Discursiva*. 3 ed. Ijuí: Ed. Unijuí.
- Nunes, L.R., Rotatori, C., & Cosenza, A. (2020). A horta escolar como caminho para a agroecologia escolar. *Revista Sergipana de Educação Ambiental*, 9 (1): 1-21.
- Ribeiro, J. A. G., & Cavassan, O. (2013). Os conceitos de ambiente, meio ambiente e natureza no contexto da temática ambiental: definindo significados. *Gondola: Enseñanza Aprendizaje de las Ciencias*, 8 (2): 61-76.



Silva, M.F.S., & Machado, C. R. S. (2015). A agroecologia e a educação ambiental transformadora: uma leitura para além de mudanças nas técnicas de produção agrícola. *Pesquisa em Educação Ambiental*, 10 (1): 119-129.

